

PARTÍCULAS MODAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

RELANCES CONTRASTIVOS COM AS PARTÍCULAS ALEMÃS *

0. Introdução

Na literatura sobre partículas modais (PMs) encontra-se por vezes a informação de que nem todas as línguas conhecem ou dispõem destes elementos ¹ e que, por outro lado, há línguas em que elas são numerosas: o alemão, o holandês, o russo.

O que neste trabalho me proponho mostrar é que o português não pertence nem ao grupo das línguas ricas em PMs, nem ao grupo das que as não têm, se bem que esta (sub-)categoria de palavras tenha sido — como tal — até agora praticamente desconhecida dos gramáticos (e dos lexicógrafos) portugueses.

Embora num estudo contrastivo sobre partículas e interacção envolvendo as línguas alemã e portuguesa se sustente «daß bestimmten Modalpartikeln (und deren Äquivalenten) in iberoromanischen Sprachen (wie etwa dem Portugiesischen) ein interaktionell determinierter Ausdruck» [entsprechen kann] ² e apesar de num outro tra-

* Este estudo representa a versão portuguesa, mais elaborada e alargada, da comunicação que, com o título 'Modalpartikeln im Portugiesischen. Kontrastive Einblicke in die deutschen Partikeln', apresentei ao *Internationaler Kongreß über Sprachpartikeln* que decorreu de 4 a 8 de Agosto de 1987 em Berlim (Occidental). Os trabalhos foram realizados no âmbito do Projecto de Investigação n.º 95/85/86 da Universidade do Porto.

¹ Cf., por ex., FRANCK, D. — *Grammatik und Konversation*, Königstein/Ts., Scriptor, 1980, p. 21.

² Do 'abstract' da comunicação apresentada por J. Schmidt-Radefeldt no *Internationaler Kongreß über Sprachpartikeln*, Berlim, 4 a 8 de Agosto de 1987.

balho contrastivo sobre PMs³ se apresentar um leque mais ou menos diversificado de expressões equivalentes em português para cada uma das partículas modais alemãs (PMas) tratadas — o certo é também que a língua portuguesa faz uso de tais partículas, a cada uma das quais é, aliás, possível, por sua vez, fazer corresponder um espectro por vezes largo de equivalências funcionais em alemão⁴. As partículas modais portuguesas (PMps) — das quais aqui se estudam duas a título de exemplo — apresentam características sintáticas em muitos aspectos semelhantes às das PMas, e, se, por outro lado, algumas vezes são empregadas em condições que se aproximam de certo modo das condições em que estas últimas também o são, isso não significa, porém, que os sistemas de PMs em ambas as línguas sejam isomórficos.

1. O tratamento das PMps nas gramáticas

Vejamos, em primeiro lugar e sucintamente, como têm sido tratadas nas gramáticas de língua portuguesa aqueles elementos que considero PMs.

Tal como aconteceu aparentemente em toda a Europa ocidental, também os gramáticos portugueses se basearam na teoria greco-latina das partes do discurso e adoptaram não só os seus princípios classificatórios como também — embora com uma ou outra compreensível adaptação — basicamente as mesmas e o mesmo número daquelas partes. Essa orientação reflecte-se muito claramente na gramática de João de Barros⁵, para quem «a nossa linguagem [é] compósta destas nove partes: Artigo, que é próprio dos Graegos e Hebreus, Nome, Pronome, Vêrbo, Advêrbio, Participio, Conjunçam, Preposiçam, Interjeção, que tem os latinos»⁶. E a situação não se altera posteriormente, de tal modo que nas gramáticas dos séculos XIX e XX esses grupos de classes continuam a oscilar entre os dez e os oito: para

³ SCHEMANN, H. — *Die Modalpartikel und ihre funktionalen Äquivalente. Untersuchung anhand des Deutschen, Französischen und Portugiesischen*, in «Archiv für das Studium der neueren Sprachen und Literaturen», 219. Bd., 1, 1982, pp. 2-18.

⁴ Como se mostra em FRANCO, A. C. — *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*, Porto, Diss., 1986.

⁵ BARROS, J. de — *Grammatica da Lingua Portuguesa*, Lisboa, 1540.

⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 60.

Lage⁷, por exemplo, «ha dez especies de palavras», Azevedo⁸ considera que elas são nove, Ribeiro⁹ distingue oito; mesmo nas gramáticas (tradicionalis) mais recentes o panorama não é diferente, relacionando-se essa variação directamente com o facto de se incluírem ou não na listagem, para além daquelas categorias, os pronomes e/ou os artigos e/ou as interjeições¹⁰.

Em virtude de as classificações revestirem este aspecto, a pergunta que necessariamente se põe é a de se saber qual o lugar que ocupam aí as partículas que agora nos interessam ou onde se devem localizar.

De modo muito semelhante ao que até há cerca de vinte anos sucedia na Alemanha com aquelas palavrinhas hoje em dia geralmente designadas como PMs, também as portuguesas foram consideradas as mais das vezes, indiscriminadamente, entre os advérbios. Se bem que se verifique igualmente que há autores que incluem algumas dessas unidades entre as conjunções e/ou entre as interjeições, é, todavia, no grupo dos advérbios que elas por via de regra se situam. Mais uma vez se repetiu o processo já utilizado pelos antigos gregos de fazer da classe dos advérbios como que uma «'dustbin' class»¹¹ quando se tratava de classificar uma palavra cuja inclusão era difícil se não impossível noutra parte.

Verifica-se, no entanto, que pelos finais do séc. XIX¹² alguns gramáticos se dão pela primeira vez conta da heterogeneidade da

⁷ LAGE, J. G. — *Novissima Grammatica Portugueza*, Coimbra, Livraria Portugueza e Extrangeira do Editor Manuel de Almeida Cabral, 1882, p. 10.

⁸ AZEVEDO, J. D. de — *Elementos de Grammatica Portugueza*, Porto, Livraria Editora, 1901, p. 17.

⁹ RIBEIRO, J. — *Grammatica Portugueza*, 5.^a ed., cuidadosamente revista por João Vieira de Almeida, São Paulo, Miguel Melillo — Editor, 1899, p. 60.

¹⁰ Cf. TORRINHA, F. — *Gramática Portuguesa*, Porto, Edições Marânus, 1954, p. 107; AGUILAR, I. T. de; GÓIS, A. R. — *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Lisboa, Livraria Didáctica, 1967, p. 64; SEQUEIRA, F. J. M. — *Gramática de Português*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s.d., p. 39; FIGUEIREDO, J. M. N. de; FERREIRA, A. G. — *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1982, p. 186.

¹¹ CRYSTAL, D. — *Linguistics*, Harmondsworth, Penguin Books, 1971, p. 75.

¹² Não encontrei justificação para recuar mais no tempo, dado que também para Portugal se aplica, *mutatis mutandis*, a observação de Jellinek, referido por LÜTTEN, J. — *Untersuchungen zur Leistung der Partikeln in der gesprochenen deutschen Sprache*, Göppingen, Verlag Alfred Kümmerle, 1977,

classe de advérbios assim formada¹³ e descobrem que alguns deles assumem outras funções específicas. Neste sentido, Lage observava que «Nas frases emphaticas emprega-se algumas vezes o adverbio *não* como particula affirmativa, como: *Não pensava eu que o venceria!* O adverbio *não*, n'estas frases não só tem força affirmativa, mas até augmenta a significação do verbo.»¹⁴

Oliveira pronuncia-se de modo idêntico sobre o emprego enfático do «adverbio *não* como particula affirmativa», notando ainda, depois do parágrafo que dedica à «significação» dos advérbios, que «Para dar mais força á asserção empregamos o adverbio *ainda*, e a preposição *até* tomada como adverbio.»¹⁵ (A este propósito e para se desfazerem já quaisquer equívocos, observo de passagem que estes elementos (*ainda* e *até*), apesar da nova função que Oliveira lhes atribui, terão de ser reclassificados, em boa verdade, como partículas escalares do português.)

Também Ribeiro, ao ocupar-se da sintaxe do advérbio, considera que «*Cá* emprega-se como intensivo da primeira pessoa, e *lá* como intensivo das outras, ex.: «*Eu cá julgo que elle não vem. ...Tu lá sabes....*»¹⁶. Mas para este gramático, *lá* assume, para além desta, a função de «dubitativo em referencia a todas as pessoas, ex.: «*Eu lá sei. — Nós lá queremos isso.*»¹⁷

Mas para além da descoberta de novas funções destas unidades lexicais que, apesar de tudo, não deixam de ser consideradas como «advérbios», há um outro aspecto digno de atenção: trata-se da classificação diferente e especial que outros gramáticos propõem para (certas ocorrências de) elementos como *não*, *cá*, *lá*, etc.. Embora, como parece, estes continuem a ser formalmente encarados como

p. 68: «(es) muß vor dem 18. Jahrhundert nur ein geringes Interesse an der Zahl der Redeteile bestanden haben, d.h. auch die 'Partikeln' als Kategorie blieben uninteressant.»

¹³ Também na Alemanha, e sensivelmente pela mesma altura, se tomava consciência do mesmo. Cf. p.ex. PAUL, H. — *Deutsche Grammatik*, vol. 3, Tübingen, Niemeyer, 1968 (=Unveränderter Nachdruck der 1. Auflage von 1919), p. 117.

¹⁴ LAGE, *ob. cit.*, 1882, p. 109.

¹⁵ OLIVEIRA, B. J. de — *Nova Grammatica Portugueza, Compilada dos nossos melhores auctores e coordenada para uso das escholae por...* Coimbra, Livraria de J. Augusto Orcel, 1883, p. 80.

¹⁶ RIBEIRO — *Ob. cit.*, 1899, p. 322.

¹⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 322.

membros do grupo abrangente das «partículas», ou seja, do vasto grupo classificatório das palavras inflexivas (que a partir de dada altura passou a ser corrente formar-se¹⁸), esta outra classificação representa uma inovação, permitindo que de algum modo esses elementos passem a ser objecto de estudo diferenciado.

Assim Vasconcéloz designa-os como «palavras ou locuções explétivas»¹⁹ e refere-os no âmbito da descrição de dois tipos de pleonasmos. Um destes tipos verifica-se, segundo Vasconcéloz, «Quando, para darmos realce a um dos elementos da proposição, lhe juntamos certas palavras ou locuções desnecessárias ao sentido... Ex.: — *Tu lá sabes o que te convém.* — *Quam bella não é a virtude!* — *Que bella que é a verdade?* (...) — *Isto é que é felicidade!*»²⁰

Também Martins, ao analisar o «Emprego de algumas palavras e locuções que no discurso desempenham mais de uma função»²¹, considera que *que* é empregado como «*particula de realce* — quando serve unicamente para reforçar uma afirmação. Ex.: *Quasi que enlouqueci.*» E neste contexto define «*expressões de realce* [como] aquellas que desprovidas de significação grammatical servem unicamente para fazer sobresahir o sujeito ou um complemento.»²²

Azevedo reserva igualmente um breve espaço às «partículas de realce» que define como sendo «certas palavras que, não tendo significação grammatical, quando empregadas em certos casos, servem de fazer sobresair uma expressão. As principaes são: *que, não, cá, lá; é, era, foi, foste*»²³. Mas deve já notar-se que a indicação destas quatro últimas é feita de modo incompleto e, por isso, impreciso. Rigorosamente não são esses os elementos que o autor tem em vista, mas sim, como mostra nos seus exemplos, as lexias compostas por uma dessas formas verbais e *que*.

¹⁸ As razões e o modelo para esta classificação devem porventura procurar-se, em última análise, na obra de Franciscus Sanctius *Minerva seu de causis linguae latinae*, 1587. Sobre o assunto, cf. FRANCO, A. C. — *Partículas Modais do Português*, a aparecer em «Miscelânea» em honra do Prof. Herculano de Carvalho, e FRANCO, A. C. — *Ob. cit.*, 1986, pp. 12 e segs.

¹⁹ VASCONCÉLOZ, A. G. R. de — *Grammática Portuguesa*, Paris, Lisboa, Guillard, Aillaud & Cia., 1909, p. 220.

²⁰ *Id.*, *ibid.*, pp. 219-220.

²¹ MARTINS, A. B. S. — *Pontos de Grammatica Portugueza e Exercicios Praticos*, Lisboa, Manoel Gomes, Editor, 1899, p. 54.

²² *Id.*, *ibid.*, p. 57.

²³ AZEVEDO — *Ob. cit.*, 1901, p. 167.

Martins ²⁴, ao contrário, chama sobretudo a atenção para o *que* e não para as formas verbais que com ele formam de facto um todo. Mas comuns aos dois são as observações que fazem e a natureza dos exemplos apresentados que não deixam margem para dúvidas ²⁵ quanto ao *que* ambos pretendem demonstrar.

Por sua vez, Torrinha ²⁶ aponta como «*partículas* ou *expressões enfáticas* ou *de realce*» as mesmas que Azevedo, após ter corrigido a imprecisão deste e a que atrás me referi. No entanto, a sua definição de partículas de realce como «pequenas expressões, que apenas servem para dar maior realce à frase» ²⁷ introduz ou reflecte uma concepção um tanto diversa quanto às funções destas palavras, facto que justifica que voltemos ulteriormente à questão. Mas é Torrinha que pela primeira vez acrescenta a este grupo de palavras um elemento novo, quando, a propósito da «*sintaxe das palavras inflexivas*», faz notar que «o advérbio *também* pode ter valor consecutivo, significando *em paga, na verdade*.» ²⁸

A constituição do grupo das partículas de realce — grupo que desde o virar do século tem, aliás, sido assumido e de alguma maneira ampliado com novos materiais — significou essencialmente uma prova de insatisfação e do reconhecimento, por parte dos gramáticos, de que não era completamente adequada a inclusão de certos lexemas na categoria dos advérbios ou noutra. Mas é ao mesmo tempo uma solução que não surpreende de todo: ela é como que a redescoberta ou o ressurgimento — com a respectivas adaptações ao português — do que foram na língua latina as *expletivae*, isto é, a subcategoria daquelas palavras que os gramáticos latinos tinham, por sua vez, considerado corresponder ao subgrupo das ‘*conjunções*’ (ou palavras de ligação) gregas, os *paraplērōmatikoi*. É, pois, de uma área original-

²⁴ MARTINS — *Ob. cit.*, 1899, p. 57.

²⁵ Para Martins, um dos modos de «dar realce a um sujeito» é «desenvolvendo uma oração por meio da locução *é que, era que, foi que*, etc. (sem formar oração à parte)» (*ibid.*, pp. 57-58); na opinião de Azevedo, «Para dar realce a um sujeito ou complemento directo pode uma oração transformar-se em duas por meio do verbo *ser* com o pronome *o, a*, seguido de uma oração relativa; ex.: *A necessidade é a que leva o soldado á guerra.* (...) Aquellas phrases podem abreviar-se pela suppressão dos pronomes: *A necessidade é que leva o soldado á guerra.*» (*ibid.*, pp. 167-168).

²⁶ TORRINHA, F. — *Gramática Portuguesa*, Porto, Edições Marânus, 1937-38.

²⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 289. Sublinhado meu, A.F..

²⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 280.

mente difusa, de contornos pouco bem delimitados, que considero que emergem, em última análise, o que chamo PMs do português. Quer dizer, há também nesta língua elementos que, em virtude das funções em que se especializaram, ultrapassam os limites do grupo em que tinham sido classificados: é não só entre os «advérbios», as conjunções e as interjeições, mas também entre as partículas de realce que temos de procurar algumas das unidades a que chamamos PMps.

2. Uma das funções das «partículas de realce»

Apesar da terminologia por vezes usada, ou seja, a de «palavras ou locuções expletivas»²⁹, os gramáticos — de modo diferente dos lexicógrafos³⁰ — não as entenderam exclusivamente ao pé do étimo («expletivus», de «expleo»), mas privilegiaram, antes, uma das suas funções a que chamam realce.

Mas é justamente aqui que se registam divergências de opinião: a quê ou a que elemento ou elementos concretamente dão afinal realce essas partículas? — Como vimos atrás, para Vasconcelloz essas palavras usam-se «para darmos realce a um dos elementos da proposição»³¹ — sem explicitar qual e sem indicar qual a posição que tem de ocupar na frase a partícula em relação a esse elemento; por sua vez, Martins, embora sustente que *que* é usado como partícula de realce «quando serve unicamente para reforçar uma afirmação», tem o cuidado de especificar que essas «expressões de realce (...) servem unicamente para fazer sobresahir o sujeito ou um complemento»³². No entanto, quando alguns anos mais tarde Torrinha — que

²⁹ VASCONCÉLLOZ — *Ob. cit.*, 1909, p. 220.

³⁰ Cf. p. ex. FARIA, E. de — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, 1951; FIGUEIREDO, C. de — *Dicionário da Língua Portuguesa*, Amadora, Livraria Bertrand, 1981, 1.ª ed. 1939; COSTA, J. A.; MELO, A. S. e — *Dicionário de Português*, Porto, Porto Editora, s.d..

³¹ VASCONCÉLLOZ — *Ob. cit.*, 1909, pp. 219-220.

³² MARTINS — *Ob. cit.*, 1899, p. 57. A pergunta que surge é a de saber o que se deve entender aqui por «complemento». A avaliar pelos exemplos que o autor apresenta, o termo não só se pode entender no sentido de 'complemento directo e/ou indirecto' (i.é., como um actante), mas também no sentido de 'complemento circunstancial', de lugar ou de tempo (quer dizer, como circunstante). Para além do sujeito, qualquer membro da frase parece, pois, susceptível de (ser posto em) realce.

de resto se serve de exemplos muito semelhantes aos dos gramáticos acima mencionados — estabelece que tais partículas «apenas servem para dar maior realce à frase»³³, revela com isso uma concepção diferente, que é, aliás, partilhada por outros gramáticos³⁴.

Seja como for, aquilo que desde relativamente cedo se debateu, embora sem um instrumentário adequado, foi no fundo o problema da articulação tema-remata da frase³⁵ em conjugação com o emprego de partículas. E as posições tomadas são, como referi, essencialmente duas. De acordo com um ponto de vista, o elemento de mais elevado valor comunicativo³⁶ é justamente aquele que ocupa na frase a posição imediatamente anterior à partícula. Quer dizer, ao contrário do que sucede em alemão, a partícula encontra-se após o remata do enunciado, como ilustram os exemplos conspicuamente semelhantes nos vários gramáticos. Deste modo, tal posição também pode ser entendida aí como assinalando de facto a fronteira entre remata e tema na frase.

Quanto à segunda perspectiva, ela parece-me estar curiosamente mais conforme com a realidade funcional de outras PMps e talvez não tanto com a daquelas que repetidamente ocorrem nos exemplos das gramáticas. Mas por outro lado, se atendermos aos termos em que é formulada, ficamos com a sensação de que constitui em certo sentido uma tendência inversa à que se verificou nos estudos sobre PMas. Aqui, como se sabe, começou por se aceitar que as partículas

³³ TORRINHA — *Ob. cit.*, 1937-1938, p. 289.

³⁴ Assim, para GOMES, A. A. — *Elementos de Gramática Portuguesa*, Coimbra, Ed. do Autor, 1935, p. 159, as «partículas de realce ou partículas expletivas» empregam-se «para dar mais energia e realce à expressão»; AGUILAR; GÓIS — *Ob. cit.*, 1967, p. 181, sustentam que «Há certas palavras e certas expressões que se empregam unicamente para dar mais vigor (mais ênfase) ou mais realce à frase»; e FIGUETREDO; FERREIRA — *Ob. cit.*, 1982, p. 69, afirmam que as expressões de realce «se empregam para dar mais vida e realce à frase».

³⁵ Cf. BENEŠ, E. — *Die funktionale Satzperspektive (Thema-Rhema-Gliederung) im Deutschen*, in «Deutsch als Fremdsprache», 4, 1967, pp. 23-28; DANEŠ, F. — *Order of Elements and Sentence Intonation*, in «To honor Roman Jakobson. Essays on the occasion of his seventieth birthday 1967», Paris, Mouton, vol. I, 1967, pp. 499-512; SGALL, P. — *Zur Stellung der Thema-Rhema-Gliederung in der Sprachbeschreibung*, in DANEŠ, F. (ed.), «Papers on Functional Sentence Perspective», Prague, Academia, 1974, pp. 54-74.

³⁶ A aceitarmos que esta pode ser uma das maneiras de entender a noção de remata.

são meta-comentários que se reportam a toda a frase, para só mais recentemente se defender que, mais do que se supunha, elas se encontram ou podem encontrar em ligação com partes específicas da frase ³⁷.

3. Said Ali e a sua concepção da função das partículas

Mas no quadro de estudo das PMps, refiro aqui em especial uma outra abordagem feita de um ângulo diferente: trata-se do contributo notável do brasileiro Said Ali ³⁸ numa obra que é, ao que parece, totalmente desconhecida em Portugal ³⁹.

No capítulo dedicado ao conjunto de palavras a que globalmente chama «Expressões de situação» ⁴⁰, Ali procede a uma análise de excepcional actualidade, numa perspectiva verdadeiramente pragmática, de certas palavras (entre as quais se encontram algumas PMs) ⁴¹, e muitas das suas observações apresentam — e isto queria sublinhar de modo especial — uma proximidade surpreendente com certas conclusões e afirmações que Weydt ⁴² fez pela primeira vez sobre as PMas. Rejeitando interpretar essas expressões como «palavras expletivas» na linha dos gramáticos da antiga escola. Ali entende-as como elementos empregados espontaneamente e com frequência no falar corrente de todos os dias, sobretudo nos diálogos, e o seu emprego obedece a determinadas condições. São palavras que, longe

³⁷ Cf. HENTSCHEL, E. — *Partikeln und Wortstellung*, in WEYDT, H. (ed.) — «Partikeln und Interaktion», Tübingen, Niemeyer, 1983, p. 49.

³⁸ ALI, M. S. — *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1930.

³⁹ Não aparece citado nas bibliografias: mesmo OLIVEIRA, M. M. M. de — *Processos de Intensificação no Português Contemporâneo. (A Entoação. Processos Morfológicos e Sintáticos)*, Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962, e MAÇÃS, D. — *Fórmulas Interlocutórias do Diálogo no Português Moderno Coloquial*, Coimbra, Faculdade de Letras, Separata de «Biblos», vol. XLV, 1976 — obras por certo conhecidas de romanistas alemães — não o referem. E também passou despercebido ao próprio LAPA, M. R. — *Estilística da Língua Portuguesa*, Lisboa, Seara Nova, 1945.

⁴⁰ ALI, M. S. — *Ob. cit.*, 1930, pp. 49-83.

⁴¹ De facto, nem todas as «expressões de situação» de Ali são PMs. Elementos como «felizmente» e «infelizmente» não podem ser incluídos neste grupo, visto tratar-se, antes, de advérbios de frase; em contrapartida, outros como *mas, então, sempre, afinal*, interessam-nos directamente.

⁴² WEYDT, H. — *Abtönungspartikel. Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen*, Bad Homburg v.d.H., Verlag Gehlen, 1969.

de terem um papel decorativo, têm uma função específica no domínio da intencionalidade: «Basta tentar eliminá-las, para ver que as proposições se tornam mais vagas e falhas de certo intuito que temos em mente»⁴³. Mas tão ou mais importante que esta posição são certas outras intuições de Ali, das quais saliento, em resumo:

a) a grande acuidade com que justifica a frequência desigual, em textos diversos, das expressões de situação: não pelo facto de se tratar de meios ou canais diferentes de comunicação (textos escritos ou textos falados), mas em virtude do aspecto da comunicação ou da situação de comunicação; e

b) o apreender de outras funções dessas expressões no âmbito da interrelação entre locutor e alocutário, e que têm incidências não só sobre os juízos ou a apreciação que o falante faz sobre si próprio mas também do seu interlocutor; sobre as normas que regem as relações de cortesia entre os falantes, como, finalmente, sobre o decurso da conversação⁴⁴.

É de facto única para o português a perspectiva segundo a qual Ali analisa e define estes recursos da linguagem que, como escreve, «offerecem muitas dificuldades ao estudo» e que «fazem, ou fizeram, parte de pensamentos latentes»⁴⁵, os quais são, aliás, susceptíveis de recuperar e que o autor assinala no seu texto «por meio de dizeres postos entre colchetes []»⁴⁶.

E só em muito poucos trabalhos posteriores, quer em Portugal (por ex. Lapa⁴⁷), quer no Brasil (por ex. Melo⁴⁸ e Vogt⁴⁹) — para referir apenas os mais significativos do ponto de vista da análise das PMs — é que se encontra uma reflexão equiparável em actualidade sobre a problemática e funções de alguns daqueles lexemas.

⁴³ ALI, M. S. — *Ob. cit.*, 1930, p. 49.

⁴⁴ ALI, M. S. — *Ob. cit.*, 1930, pp. 51 e segs..

⁴⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 52.

⁴⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 52. Cf. a utilização, por parte de WEYDT — *Ob. cit.*, 1969, p. 30, de frases pospostas para explicitar o sentido das PMas.

⁴⁷ LAPA, M. S. — *Ob. cit.*, 1945.

⁴⁸ MELO, G. C. de — *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão — Livraria Editora Lda., 1976.

⁴⁹ VOGT, C. — *O Intervalo Semântico. (Contribuição para uma Teoria Semântica Argumentativa)*, São Paulo, Editora Ática, 1977.

4. Características sintáticas gerais das PMps

Tomando em conta os elementos anteriormente referidos das gramáticas portuguesas, outros estudados por Ali, mas acrescentando obviamente alguns, considero PMps — sem a preocupação de exaustividade — as seguintes: *acaso, afinal, bem, cá, e, então, é que, já, lá, mas, não, se calhar, sempre, também*.

Tais partículas distinguem-se, de um ponto de vista sintáctico, quer dos advérbios, quer dos advérbios de frase, através dos aspectos que, em síntese ⁵⁰, apresento a seguir e que são de molde a tornar injustificada a confusão que ainda muitos fazem entre estes grupos de palavras.

4.1. Delimitação em relação aos advérbios

— As PMps não constituem, ao contrário dos advérbios, um sintagma da frase em que ocorrem:

- (1) Ele *sempre* vem a Berlim. (PM)
- (2) Ele vem *sempre* a Berlim. ((Adv.)
- (2a) Ele vem a Berlim *sempre*.

— Embora possam ocorrer entre o sujeito da frase e o predicado, mas também depois deste último ⁵¹, a posição mais frequente e que se pode considerar normal — sem atender aqui, para este efeito, ao tipo de frase — é antes do verbo, no início da frase. Este facto é importante, pois a ocorrência de um lexema noutra posição que não a indicada pode ser e é muitas vezes sinal de que se trata de um elemento de outra categoria gramatical (cf. exemplos supra). Além disso, esta sua posição predominantemente antes do verbo finito marca uma diferença essencial em relação às PMas.

⁵⁰ Para mais pormenores e exemplificação, cf. FRANCO, A. C. — *Ob. cit.*, 1986, pp. 68-77.

⁵¹ *Afinal* e *então* podem, dentro do mesmo tipo de frase, ocupar uma posição ante- ou pós-verbal; *cá* e *lá* ocorrem em posição pós-verbal, exclusivamente em frases imperativas e exclamativas.

— As PMps não podem constituir o escopo de uma interrogação parcial e, por isso, também não podem surgir como resposta a esse tipo de interrogação:

- (3) (*Afinal* ele pôs o cargo à disposição.) →
*X ele pôs o cargo à disposição? — **Afinal*.

— São passíveis de apagamento sem que, por via de regra, as frases deixem de ser sintacticamente bem formadas. Em perguntas eco não são obrigatoriamente elimináveis: a sua manutenção prende-se com certeza com o facto de em tais casos a PM se assumir como a fronteira entre tema e rema.

- (4) O José *sempre* comprou um carro./ (O J. comprou um carro.)
(5) O José *sempre* quê?

— As PMps ocorrem sempre antes da negação «não», i.é, não são susceptíveis de ser negadas:

- (6) *Sempre* não choveu.

— As PMps não são susceptíveis de ser ligadas por meio de um **conjuntor**. (Os advérbios da mesma subclasse toleram essa operação).

- (7) **Sempre e (ou; mas) também* dizes cada uma!
(8) Cedou **ou** tarde havemos de chegar.

— Não admitem um intensificador, enquanto ele é possível junto de alguns advérbios:

- (9) *O teu clube muito *sempre* ganhou o campeonato.
(10) Vocês vieram muito cedo.

4.2. Delimitação em relação aos advérbios de frase

— Enquanto as PMs não constituem um sintagma da frase, os *advérbios de frase* representam, à superfície, frases latentes na estrutura profunda. São assim susceptíveis de paráfrase em que os

PARTÍCULAS MODAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA

adjectivos que constituem a sua base morfológica são predicados de frase.

- (11) No acidente morreram *presumivelmente* todos os ocupantes. → É presumível que no acidente tenham morrido todos os ocupantes.

— As PMs não podem por si sós constituir resposta a frases interrogativas totais; os advérbios de frase podem:

- (12) Eles vêm visitar-nos? — **Afinal*.
(13) Eles vêm visitar-nos? — *Provavelmente*.

— As Pms não podem aparecer isoladas com o valor de frase.

— Se nem todas as PMps podem ocorrer na primeira posição da frase declarativa, os advérbios de frase têm uma mobilidade que lhes permite surgir no início, no meio ou no fim da frase:

- (14) *Felizmente* todos nós fizemos boa viagem.
(14a) Todos nós *felizmente* fizemos boa viagem.
(14b) Todos nós fizemos boa viagem, *felizmente*.

— As PMS são em certa medida cumuláveis; os advérbios de frase da mesma subclasse não o são:

- (15) *Afinal* ele *sempre* pôs o cargo à disposição.
(16) **Provavelmente* ele vai pôr *possivelmente* o cargo à disposição.

— Ao contrário das PMs, alguns advérbios de frase toleram ser ligados entre si por **conjuntos** ou por coordenação assindética:

- (17) *Surpreendentemente*, (**mas**) *felizmente* ninguém se feriu.

— Alguns advérbios de frase admitem intensificadores:

- (18) Muito *provavelmente* eles vêm visitar-nos.

5. Distribuição das PMps e consequências para a articulação tema-rema

É claro que esta delimitação das PMps envolve aspectos que são igualmente válidos para idêntica delimitação das PMas. Mas o essencial é atentar nas diferenças e analisar com que é que elas se prendem. Neste sentido, vejamos qual a relação entre a posição das PMps e a organização tema-rema na frase.

Como é sabido, muitas PMas encontram-se antes do rema da frase; e, como se disse atrás, algumas PMps também o assinalam, mas não do mesmo modo que em alemão. Este facto prende-se em primeira linha com o seguinte factor: quase todas as PMas surgem obrigatoriamente no campo médio, pelo que a rematização de dado elemento da frase se realiza aqui e em função das posições várias que uma PM pode assumir ⁵². Em português, pelo contrário, a mobilidade das partículas dentro da frase é mais reduzida: elas estão sujeitas a restrições posicionais que advêm já do facto de todas terem de (ou poderem) ocorrer no ante-campo ⁵³. Logo, será aqui que se encontram muitas vezes os elementos remáticos da frase. Mas mesmo que consideremos, de entre as PMps capazes de ocorrer no pós-campo, aquelas que gozam de maior flexibilidade posicional, i. é, *afinal* e *então*, não se pode nem comparar o seu comportamento distribucional ao de *doch*, por exemplo, nem considerar que as coisas aqui se passem de modo essencialmente semelhante. De facto, o português não marca o rema da frase exclusivamente através do recurso ao posicionamento diverso da PM: a identificação do elemento remático faz-se em português, mais do que só pela presença de uma PM, também com base no mais reduzido grau de dependência contextual ⁵⁴ e, na linguagem falada, na entoação.

⁵² Cf. HENTSCHEL, E. — *Ob. cit.*, 1983, p. 51.

⁵³ Sustento que só se pode falar de dois campos na frase portuguesa: o ante-campo e o pós-campo. Cf. FRANCO, A. C. — *Ob. cit.*, 1986, pp. 94-98.

⁵⁴ FIRBAS, J. — *Some Aspects of the Czechoslovak Approach to Problems of Functional Sentence Perspective*, in DANEŠ, F. (ed.) — «Papers on Functional Sentence Perspective», Prague, Academia, 1974, p. 18.

6. Algumas funções de *é que*

Deste modo, e para analisarmos enunciados com *é que*, notemos que:

a) em alguns, esta partícula encontra-se depois do rema, como no enunciado declarativo:

(19) O José *é que* comprou um carro.

(19a) 'Joseph hat ein Auto gekauft.

originando um efeito de contraste de que se dá conta a tradução para alemão e como se pode explicitar em:

(20) O José — e não o António — *é que* comprou um carro.

O elemento «José» assume, assim, um estatuto de exclusividade em relação a outros elementos concorrenciais possíveis.

b) noutros, nomeadamente em enunciados iniciativos em que a entoação é decisiva, a partícula desempenha uma função um tanto diferente. Assim, em:

(21) O José *é que* comprou um carro!,

a partícula exprime não só surpresa, mas uma atitude de valoração por parte do falante, em relação ao conteúdo do enunciado. *É que*, em conjugação com a entoação, é sinal para que o ouvinte conclua, por via de uma operação de inferência, qual o valor a atribuir ao elemento que constitui o escopo da partícula. O falante, seguindo o princípio da economia⁵⁵ ou violando a máxima griceana da quantidade⁵⁶, não acha necessário incluir no enunciado qualquer especifi-

⁵⁵ DUCROT, O. — *Pré-supposés et Sous-entendus*, in «Langue Française», 4, 1969, p. 38.

⁵⁶ GRICE, H. P. — *Logic and Conversation*, in COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.) — «Syntax and Semantics», vol. 3, Speech Acts, New York, Academic Press, p. 45.

cação em relação a 'carro': é tarefa do ouvinte encontrar-lhe os atributos. Como equivalente em alemão, proponho:

(21a) Joseph hat $\left\{ \begin{array}{l} \textit{aber} \\ \textit{vielleicht} \end{array} \right.$ ein Auto gekauft!

Também num enunciado reactivo exclamativo como:

(22) Isto *é que* o teu filho está crescendo!

(22a) Dein Sohn ist *aber* groß geworden!,

produzido por um falante a propósito do filho de um amigo, a partícula favorece a expressão de surpresa do falante face à estatura do jovem que ele não via há algum tempo. Quando o vira pela última vez, o jovem era mais pequeno, constatando agora que desde então este cresceu surpreendentemente. *É que* ocorre aqui intrinsecamente associado a «isto», um elemento deíctico que acentua a ideia de que aquilo que o falante vê (experiencia) e que, aliás, se encontra (ou encontrou até há muito poucos momentos em relação ao início da enunciação) dentro do horizonte perceptivo dele próprio e do seu interlocutor, é novo e inesperado.

É que é ainda empregado em enunciados iniciativos ou reactivos de tipo interrogativo parcial como:

(23) Quem *é que* te deu essa informação?

(23a) Wer hat dir *denn* diese Information gegeben?

e exprime em dada situação não só o interesse do falante na obtenção de uma resposta (daí a equivalência a *denn* que proponho), como assume, juntamente com a entoação, uma função de atenuação⁵⁷: a pergunta formulada sem *é que* podia ser sentida pelo ouvinte mais como uma ordem para que este fornecesse a resposta. Mas também neste caso a entoação desempenha, mais uma vez, um papel decisivo. Com efeito, em português a atenuação, a cortesia e outros aspectos modais dependem ou articulam-se intimamente com a entoação.

⁵⁷ MEYER-HERMANN, R. — *Formen und Funktionen der 'Abschwächung' im gesprochenen Portugiesisch*, in SCHMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) — «Portugiesische Sprachwissenschaft», Tübingen, Narr, pp. 21-55.

Um enunciado sem *é que* como:

(24) Quem te deu essa informação?,

com a acentuação sobre o pronome interrogativo, é sentido pelo ouvinte como uma forma de pressão, intimidação ou até ameaça.

Portanto, como se conclui pelas respectivas traduções, oferece-se para *é que* mais que um equivalente em alemão.

7. Algumas funções de sempre

A outra PMp que seleccionei por apresentar também elevada frequência foi *sempre*.

Sempre, que ocorre em frases declarativas, exclamativas e interrogativas totais, não se pode confundir com o advérbio 'sempre', em virtude não só da sua diferente distribuição como das funções pragmáticas que desempenha.

Num enunciado como

(25) O F. C. Porto *sempre* venceu o Bayern,

produzido após um jogo de futebol, o falante refere-se a uma situação anterior e confirma, através de *sempre*, que se cumpriram as suas expectativas de que o F. C. Porto ganharia o jogo. Melhor: o falante dá expressão a que, ao contrário do que o(s) seu(s) interlocutor(es) tinha(m) admitido, ou ao contrário do que supõe que o(s) seu(s) interlocutor(es) tinha(m) admitido antes do jogo, agora estão definitivamente afastadas quaisquer dúvidas nesse sentido.

O equivalente em alemão seria:

(25a) Der F. C. Porto hat den F. C. Bayern *DOCH* geschlagen,

com *DOCH* acentuado.

Sempre pode ocorrer igualmente em frases declarativas com intenção exclamativa. Suponhamos a seguinte situação: A família X desde manhã cedo que continuava a acarretar malas e sacos de casa

para o carro, para finalmente partir em viagem. Quando uma das vizinhas diz:

(26) *Sempre* é uma família com quatro filhos pequenos.

(26a) (Es ist ja (*auch*) eine Familie mit vier Kleinkindern!),

não faz outra coisa que avançar uma justificação para todo aquele trabalho e para o número das coisas a transportar e que estava a ser objecto de comentário por parte de outras vizinhas. Mas o que também quer conseguir com esse enunciado é que os seus interlocutores tomem em conta que a família X é numerosa e que, por esse motivo óbvio, lhe dêem razão e concordem com o que disse. Este efeito poderia ser parafraseado por: 'Vocês têm é de concordar que se trata de uma família com quatro filhos pequenos'.

Se nos exemplos acima, à PMp equivale, 'grosso modo', uma (ou mais que uma) PMA, e se a *sempre* equivale, como em (25a), um *DOCH* acentuado, deve notar-se que à PMp pode não equivaler (sequer) uma partícula em alemão.

Neste sentido, tomemos o enunciado exclamativo:

(27) *Sempre* dizes cada uma!,

e admitamos que foi proferido por alguém que reage ao facto de um seu amigo ter dito, num jantar de sociedade, alguma coisa inesperadamente menos conveniente ou até de mau gosto, dada a situação. O falante, que poderia até não ter pessoalmente nada a obstar, mostra-se embaraçado com o dito e não vê como solução senão o comentário que faz, não tanto para exprimir o seu desagrado mas mais para eventualmente obter condescendência pública ou restabelecer talvez o equilíbrio perturbado. Dadas as relações de amizade entre locutor e alocutário, este não entende o enunciado como uma reprobção. O equivalente em alemão seria:

(27a) Was du dir nicht alles leitest!

Deve ainda dizer-se que um enunciado idêntico ao de cima com a partícula *sempre* nem sempre está associado à expressão de qualquer tipo de censura: pode, pelo contrário, servir para sublinhar

uma reacção positiva de admiração e de apoio ao conteúdo do acto de fala (ou à acção) anterior do interactante a propósito de quem o enunciado é agora produzido. É óbvio que neste caso é determinante a situação.

Tal como para *é que*, apresenta-se, pois, mais que um equivalente pragmático em alemão para *sempre*. Mas pelo facto de termos indicado *DOCH* como equivalendo à PMp, isso não quer dizer que a *doch*, acentuado ou não, equivalha *sempre* a maior parte das vezes. Como já mostrei noutro lado⁵⁸, as possibilidades são várias. Destas, a que considero mais interessante é a solução/equivalência que se encontra para *DOCH*, sempre que esta partícula ocorre numa frase após o rema, i.é, quando a parte finita do verbo constitui o rema da frase. De facto, nestes casos o português recorre a construções clivadas, nomeadamente com o aspecto da que proponho como tradução do título, sempre lembrado nestes contextos, do conto de Borchert «Nachts schlafen die Ratten doch»: De noite as ratazanas estão *mas é* a dormir⁵⁹ — em que as partes finita e infinita do predicado perifrástico se encontram cindidas pela inserção da partícula *mas* e da forma do verbo ‘ser’ *é*, os quais assinalam a rematização do elemento à sua direita.

8. Conclusão

Embora a (sub-)categoria das PMs não seja como tal conhecida dos gramáticos portugueses, a língua portuguesa faz uso destas unidades linguísticas — algumas das quais foram, aliás, desde o início deste século, objecto de atenção, tendo-lhes sido atribuída primordialmente a função de realce de determinado elemento da frase que se encontre à sua esquerda.

Ficou claro que não se trata de um conjunto rigidamente fechado, mas que tem progressivamente vindo a ser alargado com novos materiais. Estes lexemas inflexivos apresentam características sintácticas próximas das PMas, mas a sua distribuição na frase marca, em relação a estas, diferenças fundamentais que têm reflexos sobre a sua semântica e pragmática.

⁵⁸ FRANCO, A. C. — *Ob. cit.*, 1986, pp. 199 e segs..

⁵⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 148.

ANTÓNIO FRANCO

A título de exemplo e com base nas partículas *é que e sempre*, mostrou-se como as PMps se empregam, e forneceram-se dados ilustrativos de que uma PMp pode ter como equivalente em alemão também uma PM, desde que, de acordo com a situação, a sua função comunicativa possa ser assumida pela PMA; nos casos em que um falante alemão recorre a uma PM para exprimir ou conseguir determinado efeito que a partícula portuguesa não recobre, o português lança então mão de uma expressão interaccional tanto quanto possível equivalente.

António Franco